

APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INTERDISCIPLINARIDADE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

*COLLABORATIVE LEARNING AND INTERDISCIPLINARITY: PATHWAYS TO A TRANSFORMATIVE
EDUCATION*

Daniela Paula de Lima Nunes Malta

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joana Cleide Alves Rodrigues Mendes

Universidad Internacional Tres Fronteras, Paraguai

Douglas Barbosa Sousa

Faculdades Associadas de São Paulo, Brasil

Paola Carvalho dos Santos Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Ana Lúcia Jakubiak de Albuquerque

Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i2.518> Publicado em: 07.02.2026

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar os impactos formativos da articulação entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares na constituição da autonomia discente. A investigação abordou a relação entre metodologias participativas e reorganização curricular, com foco na formação de sujeitos críticos, engajados e corresponsáveis por sua trajetória educacional. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica, com análise de obras publicadas entre 2024 e 2026, selecionadas com base em critérios de atualidade e pertinência temática. Os resultados evidenciaram que a integração entre propostas pedagógicas interdisciplinares e estratégias colaborativas favoreceu a ampliação da autonomia dos estudantes, sobretudo quando mediadas por docentes que atuaram como facilitadores do processo educativo. Identificou-se que a utilização de tecnologias digitais, a intencionalidade do planejamento e a criação de espaços de escuta ativa foram fatores determinantes para o fortalecimento da responsabilidade discente e da participação consciente. Concluiu-se que a articulação entre essas abordagens representa um caminho promissor para promover uma educação mais significativa, contextualizada e transformadora, desde que acompanhada de condições estruturais adequadas e investimento na formação docente.

Palavras-chave: Protagonismo, Formação Crítica, Responsabilidade, Planejamento Pedagógico, Mediação Tecnológica.

Abstract: This article aimed to analyze the formative impacts of the articulation between collaborative learning and interdisciplinary practices in the development of student autonomy. The research addressed the relationship between participatory methodologies and curricular reorganization, focusing on the formation of critical, engaged, and co-responsible individuals in their educational paths. The study was carried out through a bibliographic review, analyzing works published between 2024 and 2026, selected based on their relevance and timeliness. The results showed that the integration of interdisciplinary pedagogical proposals with collaborative strategies favored the expansion of student autonomy, especially when mediated by teachers acting as facilitators in the educational process. It was found that the use of digital technologies, intentional planning, and the creation of spaces for active listening were decisive factors in strengthening student responsibility and conscious participation. It was concluded that the articulation of these approaches represents a promising path to promote more meaningful, contextualized, and transformative education, as long as it is accompanied by appropriate structural conditions and investment in teacher training.

Keywords: Protagonism, Critical Formation, Responsibility, Pedagogical Planning, Technological Mediation.

Introdução

O cenário educacional contemporâneo passou a exigir a reconfiguração das práticas pedagógicas, sobretudo diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas que influenciaram os modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. Nesse contexto, intensificou-se a necessidade de promover abordagens que rompessem com o ensino tradicional, fragmentado e centrado na transmissão unidirecional de conteúdos. A escola, nesse novo paradigma, foi progressivamente convocada a estimular a formação de sujeitos críticos, participativos e capazes de atuar de maneira responsável em uma sociedade em constante mudança. Diante disso, a aprendizagem colaborativa e a interdisciplinaridade passaram a ser compreendidas como estratégias pedagógicas capazes de promover processos educativos mais dinâmicos, interativos e centrados no protagonismo dos estudantes.

A escolha do tema decorreu da observação de que práticas que integram projetos interdisciplinares e metodologias colaborativas ainda enfrentaram desafios significativos em sua implementação, especialmente no que se refere à constituição da autonomia discente. Embora essas abordagens apresentassem potencial formativo relevante, sua efetividade mostrou-se condicionada a múltiplos fatores, entre os quais se destacaram a qualidade da mediação docente, a intencionalidade do planejamento pedagógico e o envolvimento efetivo dos estudantes nas decisões relativas ao processo de aprendizagem. Assim, a motivação para a presente investigação surgiu da necessidade de compreender de forma mais aprofundada como essas práticas se articularam e quais impactos produziram na formação de sujeitos autônomos.

Com base nessa problemática, definiu-se como pergunta norteadora a seguinte questão: 'De que maneira a articulação entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares

contribuiu para o desenvolvimento da autonomia discente?'. Essa questão orientou a análise crítica das contribuições teóricas relacionadas ao tema, permitindo identificar elementos que favoreceram ou limitaram a formação de estudantes mais engajados, críticos e corresponsáveis por sua trajetória educacional.

O objetivo geral do artigo consistiu em analisar os impactos formativos da articulação entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares na constituição da autonomia discente. Como objetivos específicos, buscou-se: compreender os fundamentos teóricos que sustentaram a integração entre colaboração e interdisciplinaridade; discutir o papel da mediação docente na organização de projetos interdisciplinares colaborativos; e examinar os efeitos dessas práticas no fortalecimento da autonomia discente em diferentes contextos escolares.

Para atender a esses objetivos, adotou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise crítica de produções acadêmicas recentes. O levantamento teórico concentrou-se em textos que abordaram a 'aprendizagem colaborativa', a 'interdisciplinaridade', a 'mediação docente' a 'autonomia discente', e 'práticas pedagógicas', selecionados com base em critérios de relevância temática e atualidade. A organização dos materiais em eixos analíticos permitiu estabelecer relações entre as abordagens estudadas, evitando sobreposições conceituais e repetições analíticas já desenvolvidas na seção metodológica.

A fundamentação teórica apoiou-se, principalmente, nas contribuições de Vettorazzi (2025), Moraes (2025) e Silva *et al.* (2025), cujas produções discutiram a articulação entre práticas colaborativas, organização curricular interdisciplinar e processos de mediação pedagógica. Esses autores forneceram subsídios para compreender como a integração entre 'aprendizagem colaborativa' e 'interdisciplinaridade' incidiu diretamente sobre a formação da autonomia discente, especialmente em contextos educacionais marcados por demandas formativas complexas.

O artigo foi estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado 'Fundamentos teóricos da integração entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares', apresentou os principais conceitos que sustentaram a articulação entre essas abordagens. O segundo capítulo, 'Mediação docente e organização didática de projetos interdisciplinares colaborativos', analisou o papel do professor e as condições pedagógicas necessárias para a efetivação dessas práticas. O terceiro capítulo, 'Impactos formativos da articulação entre colaboração e interdisciplinaridade na constituição da autonomia discente', discutiu os efeitos dessa integração na formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos. Na sequência, foram apresentados os resultados e discussões, seguidos das considerações finais do estudo.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, considerada adequada para o propósito de analisar e criticar as contribuições de autores consagrados no campo das metodologias científicas aplicadas à educação, Narciso e Santana, (2025). A escolha desse tipo de investigação deve-se à sua natureza exploratória e analítica, que permite compreender

com profundidade as abordagens teóricas já existentes e relacioná-las entre si de forma coerente com os objetivos da pesquisa. De acordo com os mesmos autores, nesta etapa, identifica-se:

[...] conceitos-chave, métodos e enfoques apresentados por cada autor, os quais foram organizados tematicamente para facilitar a comparação entre suas propostas (Narciso; Santana, 2025, p. 19461).

A pesquisa foi desenvolvida em etapas interdependentes. Inicialmente, realizou-se um levantamento teórico com base em produções recentes, priorizando textos publicados a partir de 2024. A coleta de dados bibliográficos teve como foco três autores principais: Vettorazzi (2025), Moraes (2025) e Silva *et al.* (2025), cujas produções foram obtidas integralmente e analisadas em profundidade. A leitura atenta e sistemática dos materiais permitiu identificar as concepções centrais sobre aprendizagem colaborativa, interdisciplinaridade, mediação docente e autonomia discente. Esses conteúdos foram organizados por categorias temáticas, permitindo compreender como cada autor tratava os elementos centrais do objeto de estudo e facilitando o diálogo entre os referenciais escolhidos.

Foram feitas combinações simples entre esses termos, como ‘interdisciplinaridade e autonomia’ e ‘mediação docente na aprendizagem colaborativa’, visando recuperar materiais diretamente relacionados ao tema proposto. A busca bibliográfica concentrou-se na base de dados *Google Acadêmico*, uma plataforma gratuita de acesso aberto mantida pela *Google*, que indexa artigos científicos, livros, dissertações, teses e literatura acadêmica de diversas fontes, sendo amplamente utilizada para fins de pesquisa na área educacional.

Foram adotados critérios claros de inclusão e exclusão para seleção dos materiais. Incluíram-se apenas produções publicadas nos anos de 2024 e 2025, considerando a atualidade das abordagens sobre metodologias ativas e práticas pedagógicas contemporâneas. Além disso, priorizou-se a relevância dos autores no campo da educação, especialmente aqueles que abordam de forma direta a articulação entre aprendizagem colaborativa e interdisciplinaridade. Excluíram-se materiais com abordagens genéricas, publicações fora do recorte temporal definido e textos que não apresentavam vínculo direto com a formação da autonomia discente.

A aplicação das metodologias propostas pelos próprios autores foi observada durante a construção do artigo. A lógica da aprendizagem colaborativa, por exemplo, guiou a análise integrada dos textos, organizando os conteúdos por meio da construção conjunta de sentidos entre os diferentes referenciais. A perspectiva interdisciplinar esteve presente na articulação dos conceitos e na escolha de uma estrutura textual que relacionasse teorias pedagógicas, práticas docentes e processos formativos. Já a mediação docente foi resgatada como princípio orientador da análise crítica, permitindo situar as contribuições dos autores em contextos educativos concretos. Dessa forma, a própria elaboração do artigo tornou-se uma aplicação prática dos fundamentos discutidos nos textos analisados.

Fundamentos teóricos da integração entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares

A integração entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares fundamenta-se em uma crítica ao modelo pedagógico tradicional, caracterizado pela fragmentação do conhecimento e pela centralização da transmissão de conteúdos. Para Moraes (2025), a interdisciplinaridade configura-se como alternativa epistemológica a esse paradigma, ao propor a construção de articulações entre saberes que favorecem a leitura crítica da realidade. O autor entende a interdisciplinaridade como um movimento de aproximação entre áreas distintas do conhecimento, que permite não apenas o diálogo entre conteúdos, mas a produção de novas formas de compreensão e intervenção sobre fenômenos complexos. Tal concepção estabelece um campo fértil para práticas de aprendizagem em que a interação entre sujeitos assume papel central no processo formativo.

Nessa direção, Vettorazzi (2025) sustenta que a aprendizagem colaborativa deve ser compreendida como uma abordagem pedagógica alinhada às exigências da contemporaneidade, marcada pela diversidade de saberes, pelas transformações tecnológicas e pela necessidade de práticas formativas mais significativas. A autora afirma que a valorização do trabalho conjunto entre estudantes, docentes e demais agentes educativos responde à complexidade dos contextos escolares e impõe a superação de metodologias centradas na transmissão. Essa perspectiva aproxima-se da defesa de Silva *et al.* (2025), para quem a aprendizagem colaborativa implica a construção coletiva do conhecimento, baseada na troca de ideias, na corresponsabilidade e na interdependência positiva entre os participantes.

Além disso, Moraes (2025) enfatiza que, do ponto de vista epistemológico, a interdisciplinaridade rompe com o paradigma cartesiano e aproxima-se de uma concepção sistêmica do conhecimento, o que demanda abordagens pedagógicas que reconheçam a multiplicidade e a interconexão dos saberes. Essa exigência está diretamente relacionada ao papel que a aprendizagem colaborativa pode desempenhar na organização de experiências de ensino pautadas na interação e na resolução compartilhada de problemas. Assim, as duas abordagens se sustentam mutuamente: enquanto a interdisciplinaridade fornece o referencial para a superação da segmentação curricular, a aprendizagem colaborativa propicia as condições para a construção ativa e coletiva de saberes contextualizados.

Como Silva *et al.* (2025) afirmam que essa metodologia favorece o desenvolvimento de competências essenciais, como o pensamento crítico, a resolução de problemas em grupo e a tomada de decisões compartilhadas. Essa perspectiva metodológica contribui para transformar a relação dos estudantes com o conhecimento e com os processos educativos, na medida em que amplia sua autonomia e sua responsabilidade no percurso de aprendizagem. Para os autores, a aprendizagem colaborativa não deve ser confundida com o simples trabalho em grupo, pois pressupõe estruturação intencional das interações, divisão equilibrada de responsabilidades e construção conjunta de objetivos e estratégias.

Do ponto de vista curricular, Vettorazzi (2025) observa que os projetos interdisciplinares representam formas estruturadas de romper com a fragmentação dos conteúdos escolares e promover a integração entre diferentes campos do saber. A autora argumenta que essas propostas metodológicas possibilitam a articulação de conhecimentos em torno de temas geradores, promovendo a mobilização ativa de saberes diversos e a atuação colaborativa entre os estudantes. Nesse contexto, o trabalho pedagógico deixa de ser fragmentado e adquire um sentido formativo mais amplo, favorecendo aprendizagens contextualizadas e alinhadas à realidade dos sujeitos.

A mediação pedagógica também se beneficia do uso de tecnologias digitais e ambientes interativos. Segundo Silva *et al.* (2025), esses recursos ampliam as possibilidades de cooperação entre os alunos, superando barreiras espaciais e temporais e viabilizando experiências colaborativas em diferentes formatos educacionais. Atividades como resolução conjunta de problemas, produção coletiva de materiais e discussão de estudos de caso são apontadas como práticas que integram teoria e prática, fortalecendo o vínculo entre os conteúdos e as situações reais de aprendizagem. Ao atuar nesse modelo, o professor assume o papel de facilitador das interações e organizador do processo formativo.

A esse respeito, Moraes (2025) afirma que a interdisciplinaridade constitui uma postura pedagógica que reconhece a complexidade do conhecimento e a necessidade de integrar saberes para compreender e transformar o mundo. Tal perspectiva reforça a articulação entre competências cognitivas, socioemocionais e éticas, exigidas em contextos formativos orientados à formação integral. A aprendizagem colaborativa, nesse quadro, deixa de ser um mero recurso metodológico e passa a representar um princípio organizador do processo pedagógico, fundado na interação significativa e na construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, a articulação entre as duas abordagens apresenta-se como estratégia coerente com uma educação crítica e reflexiva. Conforme afirma Vettorazzi (2025),

A articulação entre aprendizagem colaborativa, projetos interdisciplinares e tecnologia se apresenta, portanto, como um caminho promissor para a transformação da escola. Essa articulação possibilita que o conhecimento seja construído de maneira contextualizada, significativa e compartilhada (Vettorazzi, 2025, p. 5).

Esse entendimento reforça a importância de práticas que associem intencionalmente a colaboração entre sujeitos à integração curricular, favorecendo um processo educativo comprometido com a autonomia discente, a relevância social do conhecimento e a formação de sujeitos capazes de atuar de forma crítica e responsável em contextos diversos.

Mediação docente e organização didática de projetos interdisciplinares colaborativos

A efetivação de projetos interdisciplinares no contexto escolar requer planejamento pedagógico estruturado, mediação docente qualificada e condições institucionais que favoreçam a colaboração entre profissionais da educação. Essa exigência decorre da complexidade dos

processos educativos que articulam diferentes áreas do saber e demandam metodologias ativas, capazes de promover a participação crítica e a corresponsabilidade discente. O professor, nesse cenário, assume um papel que ultrapassa a função de transmissor de conteúdos e passa a atuar como articulador de experiências formativas. Como observa Silva *et al.* (2025, p. 6), “o professor assume o papel de facilitador, auxiliando os alunos a construir o conhecimento de forma conjunta”.

Por conseguinte, a mediação docente demanda competências específicas que envolvem tanto o domínio de conteúdos quanto a habilidade de organizar situações didáticas colaborativas. Isso implica acompanhar o desenvolvimento dos grupos, oferecer retorno contínuo, favorecer a divisão equitativa de tarefas e lidar com conflitos que surgem nas interações. Essa perspectiva é reiterada por Silva *et al.* (2025), ao afirmar que o professor deve auxiliar os estudantes na definição de metas comuns e no fortalecimento da responsabilidade compartilhada. Ao mesmo tempo, a criação de espaços de planejamento coletivo entre docentes torna-se indispensável para viabilizar a interdisciplinaridade de forma articulada ao currículo escolar.

Além disso, a organização de projetos interdisciplinares exige o uso de estratégias metodológicas integradoras. Conforme aponta Moraes (2025), atividades como aprendizagem baseada em projetos (PBL), estudos de caso e projetos comunitários são formas eficazes de promover conexões entre áreas do conhecimento, desde que haja intencionalidade pedagógica e alinhamento entre os objetivos formativos. Essas metodologias requerem, portanto, um trabalho prévio de articulação entre os docentes, o que pressupõe condições institucionais adequadas, como tempo para planejamento conjunto e suporte da equipe gestora.

No que tange ao uso de tecnologias, sua presença no planejamento e na execução de projetos interdisciplinares é destacada como elemento potencializador da mediação pedagógica. Segundo Vettorazzi (2025), a utilização de recursos digitais permite não apenas o acompanhamento dos processos de aprendizagem em tempo real, mas também a diversificação das formas de expressão e a ampliação das oportunidades de participação. Embora tais recursos não substituam a ação docente, atuam como ferramentas que fortalecem a mediação e permitem maior autonomia na construção do conhecimento por parte dos estudantes.

Ao considerar os desafios para a implementação efetiva dessas práticas, é necessário reconhecer que a cultura escolar ainda apresenta barreiras à colaboração interdisciplinar. Nesse sentido, Vettorazzi (2025) defende que a transformação das práticas docentes requer investimento em formação continuada, criação de espaços de troca entre profissionais e valorização das experiências pedagógicas inovadoras. Ainda segundo a autora, “a cultura da colaboração, quando institucionalizada nas escolas, transforma não apenas o ensino, mas também as relações interpessoais e os processos avaliativos” (Vettorazzi, 2025, p. 4).

Em complemento, Moraes (2025) sustenta que a gestão escolar deve criar condições estruturais para o trabalho coletivo, assegurando tempo, apoio formativo e autonomia curricular para os docentes. Tais condições são essenciais para que a mediação docente ocorra de forma

articulada a uma proposta pedagógica coerente, que valorize a integração de saberes e promova o protagonismo discente. A atuação docente, nesse contexto, passa a envolver também a avaliação dos processos de aprendizagem, que deve considerar não apenas os conteúdos, mas também as competências desenvolvidas na interação entre os estudantes.

Ademais, o uso pedagógico das tecnologias digitais, como destaca Moraes (2025), amplia as possibilidades de articulação interdisciplinar, especialmente ao permitir a criação de produtos colaborativos em ambientes virtuais. Ferramentas como plataformas digitais, laboratórios virtuais e editores colaborativos favorecem a execução de projetos em múltiplas linguagens e contribuem para o engajamento dos estudantes. Isso reforça a necessidade de formação técnica e pedagógica específica, conforme alerta Vettorazzi (2025), ao enfatizar que o uso responsável da inteligência artificial e de outros recursos digitais depende de políticas que garantam acesso equitativo e capacitação docente.

Portanto, a mediação docente em projetos interdisciplinares colaborativos configura-se como um processo que exige intencionalidade pedagógica, articulação institucional e domínio metodológico. Conforme sintetiza Silva *et al.* (2025, p. 8), “o professor, ao atuar como mediador, fortalece a autonomia dos estudantes e fomenta uma atmosfera de participação ativa”. Essa concepção redefine o papel docente e aponta para a necessidade de reorganização das práticas escolares, com vistas a construir ambientes de aprendizagem integrados, dialógicos e comprometidos com a formação de sujeitos críticos e socialmente engajados.

Impactos formativos da articulação entre colaboração e interdisciplinaridade na constituição da autonomia discente

A integração entre práticas interdisciplinares e metodologias colaborativas tem demonstrado efeitos significativos sobre o desenvolvimento da autonomia discente. Essa articulação favorece a constituição de sujeitos capazes de tomar decisões, elaborar estratégias de resolução de problemas e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem. Conforme enfatiza Silva *et al.* (2025, p. 8), “essa metodologia favorece a autonomia dos estudantes e amplia sua responsabilidade no processo educativo”, ao passo que promove uma cultura de participação ativa, mediada pela atuação docente.

Ademais, o protagonismo discente é diretamente influenciado pela possibilidade de envolvimento dos estudantes nas etapas de definição, execução e avaliação dos projetos educativos. Ao ampliar os espaços de escuta e escolha, fomenta-se o engajamento e a motivação, elementos centrais na constituição da autonomia. De acordo com Vettorazzi (2025), a participação dos estudantes nas decisões pedagógicas fortalece sua capacidade de refletir criticamente sobre o que aprendem e como aprendem, mobilizando competências cognitivas e socioemocionais de forma integrada.

Além disso, experiências educativas planejadas de modo interdisciplinar e colaborativo permitem o desenvolvimento de competências formativas essenciais à vida em sociedade, como

criatividade, empatia, escuta ativa e pensamento crítico. O uso de metodologias colaborativas, especialmente quando mediadas por tecnologias digitais, cria um ambiente propício ao exercício da autonomia, articulando processos formativos com demandas contemporâneas da cidadania ativa e crítica.

Esse impacto também se reflete nos modos de avaliação. A aprendizagem colaborativa exige instrumentos avaliativos que considerem o processo e não apenas o produto final, incorporando critérios que reconheçam a contribuição individual no interior do coletivo. Como indicam Silva *et al.* (2025),

[...] essa abordagem pode incorporar o uso de ferramentas como autoavaliação, avaliação por pares e relatórios individuais de contribuição [...] estimulando o compromisso individual e a responsabilização pelo aprendizado coletivo (Silva *et al.* 2025, p. 8).

Essa perspectiva não elimina os desafios da avaliação individual, mas propõe superá-los com abordagens mais equitativas e formativas. Ao mesmo tempo, a interdisciplinaridade introduz uma dinâmica pedagógica que rompe com o ensino fragmentado e estimula a construção contextualizada do conhecimento. Moraes (2025) salienta que essa abordagem favorece a aprendizagem significativa e contribui para o desenvolvimento de competências como a comunicação, a resolução colaborativa de problemas e a capacidade de síntese. Essa dimensão se articula à aprendizagem colaborativa ao possibilitar que o estudante compreenda a complexidade dos fenômenos estudados e atue como agente ativo em sua análise.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à mediação docente, essencial para a constituição da autonomia discente. O professor deve organizar situações de aprendizagem que promovam o diálogo entre diferentes perspectivas, incentivem a negociação de sentidos e estimulem a responsabilidade compartilhada. Vettorazzi (2025) observa que, ao criar ambientes educativos ricos e contextualizados, o docente fortalece o vínculo do estudante com o conhecimento e favorece o desenvolvimento de atitudes éticas e colaborativas no interior da escola.

Paralelamente, a atuação do professor também inclui a gestão pedagógica das tecnologias digitais no processo educativo. A mediação tecnológica, quando utilizada com intencionalidade didática, amplia as possibilidades de colaboração e oferece múltiplas formas de expressão e autoria. Segundo Vettorazzi (2025), a articulação entre projetos interdisciplinares, colaboração e tecnologias potencializa o protagonismo discente e promove uma cultura escolar mais democrática e inclusiva, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento da autonomia.

Portanto, os impactos formativos da articulação entre interdisciplinaridade e aprendizagem colaborativa vão além dos aspectos cognitivos e atingem dimensões éticas, comunicacionais e sociais. Como destaca Moraes (2025), essa abordagem prepara estudantes para lidar com problemas complexos de forma criativa, colaborativa e crítica, configurando-se como estratégia pedagógica alinhada às exigências formativas do século XXI. A autonomia discente, nesse contexto, deixa de ser concebida como um atributo individual e passa a ser entendida como

resultado de um processo educativo coletivo, situado e permanentemente reconstruído nas interações escolares.

Resultados e discussões

Os dados analisados indicam que a integração entre metodologias colaborativas e abordagens interdisciplinares favorece a ampliação da autonomia discente. Essa articulação transforma a lógica instrucional tradicional ao posicionar o aluno como agente do próprio processo formativo, promovendo maior participação, tomada de decisão e engajamento com as atividades propostas, conforme apontado por Silva *et al.* (2025). Ao envolver os estudantes nas etapas de planejamento e desenvolvimento dos projetos, observa-se o fortalecimento do pensamento crítico e de uma postura mais reflexiva diante da aprendizagem, como destaca Vettorazzi (2025).

O êxito desse modelo, contudo, exige práticas pedagógicas sistematizadas e deliberadamente organizadas. A autonomia não é um dado inicial, mas uma construção dependente da mediação docente, que requer intencionalidade no planejamento e acompanhamento contínuo dos percursos de aprendizagem. Para Silva *et al.* (2025), a mediação eficaz compreende desde a definição dos objetivos e divisão equitativa de tarefas até o suporte diante de desafios que surgem na dinâmica dos grupos. Moraes (2025) reforça que o papel do professor consiste em articular saberes, favorecer o diálogo e garantir coerência nas atividades interdisciplinares.

Outro aspecto relevante identificado refere-se ao uso pedagógico das tecnologias digitais. Ferramentas como plataformas colaborativas e ambientes virtuais de aprendizagem ampliam as possibilidades de registro, expressão e organização das produções discentes. Vettorazzi (2025) observa que, ao integrar esses recursos aos projetos interdisciplinares, o docente amplia sua capacidade de monitorar os processos, personalizar as experiências de aprendizagem e diversificar estratégias avaliativas. Moraes (2025) complementa ao afirmar que tais instrumentos não substituem a presença do professor, mas a fortalecem ao viabilizar práticas mais interativas e responsivas às necessidades dos alunos.

Apesar dos avanços, a aplicação dessas metodologias apresenta limites em sua efetivação. Em determinados contextos, a transição para um modelo centrado na participação ativa encontra barreiras, sobretudo pela ausência de uma cultura institucional voltada ao trabalho coletivo ou pela carência de recursos para viabilizar propostas mais integradas. Vettorazzi (2025) destaca que essas condições interferem diretamente na capacidade das escolas de sustentar práticas que demandam planejamento colaborativo e estrutura adequada. Moraes (2025) acrescenta que o tempo disponível para o desenvolvimento dessas ações ainda constitui um desafio recorrente.

As limitações observadas revelam a necessidade de compreender a autonomia como processo gradual, que se constrói por meio de experiências mediadas e progressivas. O cultivo de práticas colaborativas requer continuidade, clareza de objetivos e espaço para a escuta ativa. Segundo Silva *et al.* (2025), é nesse contexto que os estudantes desenvolvem maior senso de

responsabilidade e capacidade de cooperação. Tais experiências fortalecem o vínculo com o saber escolar e contribuem para a formação de sujeitos com maior iniciativa, criticidade e consciência coletiva.

No campo da avaliação, os autores sugerem instrumentos que valorizem tanto o percurso quanto os resultados obtidos. Estratégias como portfólios, autoavaliações e trabalhos em equipe permitem uma leitura mais abrangente do processo de aprendizagem e estimulam a autorreflexão. Vettorazzi (2025) aponta que tais práticas conferem à avaliação um caráter formativo, orientando o aprimoramento das ações individuais e coletivas. Moraes (2025) reforça que esses instrumentos contribuem para tornar o estudante mais consciente de seu papel e mais comprometido com sua trajetória educacional.

Diante dessas observações, conclui-se que a articulação entre colaboração e interdisciplinaridade apresenta-se como alternativa didática eficaz para o desenvolvimento de competências que envolvem autonomia, criticidade e corresponsabilidade. Contudo, como alertam os autores analisados, a concretização desse modelo pedagógico depende de investimentos em formação docente, reorganização curricular e suporte institucional contínuo. A sugestão de pesquisas futuras recai sobre a análise dos efeitos dessas práticas em diferentes níveis de ensino, especialmente na educação básica, onde os desafios estruturais são mais acentuados.

Conclusão

O presente estudo teve como propósito analisar os fundamentos teóricos, os modos de mediação docente e os impactos formativos da articulação entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares, com foco na constituição da autonomia discente. A investigação permitiu compreender como essas abordagens, quando integradas de forma intencional e sistematizada, reconfiguram os processos pedagógicos, promovendo uma formação mais crítica, participativa e contextualizada.

A análise dos referenciais teóricos evidenciou que a interdisciplinaridade, aliada a metodologias colaborativas, representa uma resposta consistente aos limites do modelo tradicional de ensino, baseado na fragmentação do conhecimento e na centralização do saber. Ao envolver os estudantes na construção ativa dos projetos e na resolução de problemas reais, cria-se um ambiente propício ao desenvolvimento de competências essenciais à formação integral, como a autonomia, o pensamento crítico e a responsabilidade compartilhada.

Os objetivos da pesquisa foram plenamente contemplados. Verificou-se que a mediação docente é fator determinante para a efetividade dessas práticas, exigindo planejamento cuidadoso, domínio metodológico e postura facilitadora. O uso pedagógico de tecnologias digitais também demonstrou potencial para ampliar as formas de participação e expressão discente, especialmente em contextos interativos e colaborativos.

Por outro lado, o estudo identificou que a implementação de propostas interdisciplinares colaborativas enfrenta desafios institucionais e estruturais, como a ausência de tempo para

planejamento conjunto, a carência de infraestrutura tecnológica e a fragilidade de uma cultura escolar orientada ao trabalho coletivo. Tais limites revelam a importância de condições concretas para que as metodologias analisadas possam alcançar seus objetivos formativos.

Dessa forma, recomenda-se que futuras pesquisas se dediquem a investigar os efeitos dessas práticas em diferentes etapas da educação básica, com foco nas realidades escolares mais desafiadoras. Estudos empíricos com abordagem longitudinal também se mostram relevantes, a fim de avaliar como a articulação entre colaboração e interdisciplinaridade impacta, a longo prazo, o desenvolvimento da autonomia discente em suas múltiplas dimensões.

Conclui-se que a integração entre aprendizagem colaborativa e práticas interdisciplinares representa uma estratégia pedagógica promissora para a construção de ambientes educativos mais democráticos, inclusivos e comprometidos com a formação de sujeitos críticos e ativos socialmente.

Referências

MORAES, J. C. P. Saberes que se enlaçam: o papel da interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem. **ARACÊ**, v. 7, n. 9, p. 1-10, 2025.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

SILVA, A. C. S. da *et al.* Aprendizagem colaborativa: estratégia pedagógica no século XXI. **Revista Acadêmica da Lusofonia**, v. 2, n. 7, p. 1-9, 2025.

VETTORAZZI, L. A. T. Projetos interdisciplinares e o trabalho colaborativo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 9, p. 1-7, 2025.